

A  
SISTEMATIZAÇÃO  
DE EXPERIÊNCIAS  
NA PRÁTICA: A  
PESQUISA SOBRE  
A HISTÓRIA DA  
OCUPAÇÃO O  
BAIRRO VILA  
OPERÁRIA III, EM  
GUARULHOS (SP)

[ ARTIGO ]

**Maíra Carvalho de Moraes**

*Universidade de São Paulo. Escola de Artes Ciências e Humanidades*

## [ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

O artigo irá analisar a utilização da sistematização de experiências na pesquisa de campo do projeto de pesquisa intitulado “Justiça Social e Território: A Luta do Movimento de Luta por Moradia – MLM na Vila Operária, em Guarulhos (SP)”. A partir da análise dessa metodologia participativa e das condições cotidianas da pesquisa, infere-se a necessidade de combinar uma abordagem teórica com a metodologia participativa, para que possam ser reconstruídas as histórias da ocupação desse território. E a partir dessas histórias, compreender as relações de produção das cidades da Região Metropolitana da Grande São Paulo, as organizações envolvidas nas disputas fundiárias nessa região e a luta da classe trabalhadora por justiça social.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais de Moradia. Metodologias Participativas. Território. Região Metropolitana da Grande São Paulo.

The article will analyze the use of the Systematization of Experiences in the research project titled “Social Justice and Territory: The Struggle Movement for Housing in Vila Operária III, in Guarulhos (SP)”. Based on the analysis of this participatory methodology and the daily conditions of the research, it is inferred the need to combine a theoretical approach with the participatory methodology, so that the histories of the occupation of this territory can be reconstructed. And from these stories, understand the production relations of the cities of Greater São Paulo Metropolitan Region, the organizations involved in land disputes in this region and the struggle of the working class for Social Justice.

**Keywords:** Social Housing Movements. Theory. Participatory Methodologies. Territory. Metropolitan Region of Greater São Paulo.

El artículo analizará la utilización de la sistematización de experiencias en la investigación de campo del proyecto de investigación titulado “Justicia Social y Territorio: La Lucha del Movimiento de Lucha por Vivienda en la Vila Operaria III, en Guarulhos (SP)”. A partir del análisis de esa metodología participativa y de las condiciones cotidianas de las investigaciones, se infiere la necesidad de combinar un abordaje teórico con la metodología participativa, para que puedan ser reconstruidas las historias de la ocupación de ese territorio. Y a partir de esas historias, comprender las relaciones de producción de las ciudades de la Región Metropolitana de la Gran São Paulo, las organizaciones involucradas en las disputas agrarias en esa región y la lucha de la clase trabajadora por justicia social.

**Palabras clave:** Movimientos Sociales de Vivienda. Teoría. Metodologías Participativas. Território. Región Metropolitana de la Gran São Paulo.

## Introdução

---

Este artigo aborda a utilização da sistematização de experiências, metodologia participativa na perspectiva do pesquisador, sociólogo e educador peruano Oscar Jara Holiday. Essa metodologia está sendo utilizada no projeto de pesquisa para dissertação de mestrado do programa de Mudança Social e Participação Política, intitulado “Justiça Social e Território: a luta do Movimento de Luta por Moradia – MLM na Vila Operária, em Guarulhos (SP)”.

O bairro de Vila Operária está localizado nas proximidades dos bairros Parque Continental III, Cabuçú, Morro Grande e Capelinha, na região nordeste do município de Guarulhos, que fica na Região Metropolitana da Grande São Paulo (RMSP). Assim como ocorre em diversos municípios da RMSP, a questão fundiária tem sido um grave problema para os cidadãos e o Estado, devido à grande quantidade de territórios sem regulação fundiária e o déficit de moradias para a classe trabalhadora. O bairro de Vila Operária está no centro de um grave problema jurídico, pois seu território está em disputa pelos moradores, a Imobiliária Continental e o Estado. Soma-se a essa tensão a inclusão do bairro na zona de defesa da Área de Proteção Ambiental – APA Cabuçú-Tanque Grande, que possui uma grande diversidade de mananciais e áreas verdes, além de parte da área ter sido desapropriada para a construção do trecho Norte do Rodoanel.

Os moradores da Vila Operária iniciaram uma mobilização para tentar resistir aos processos de desapropriação e

aos acordos de compra de terreno oferecidos pela Imobiliária Continental. O movimento de Luta por Moradia (MLM) auxiliou muitos moradores na luta por seus direitos, posto que as matrículas da área que englobam a Vila Operária e os Parques Continentais (I ao V) estão sendo contestadas por moradores e posseiros, com processos correndo na Justiça. Sendo assim, diante desse quadro e do objetivo de construir uma história do presente da Vila Operária, este artigo analisa o uso da sistematização de experiências e as adaptações necessárias para o estudo do tema dentro da pesquisa – a mobilização dos moradores pelo direito à moradia. Além disso, propõe a necessidade de uma abordagem teórica de pesquisadores da área de ciências sociais aplicadas para que ocorra um diálogo entre a metodologia participativa e as metodologias de análise de movimentos sociais com abordagens teóricas.

Essa necessidade de “combinação” de metodologias deriva da complexidade do tema e da dificuldade em promover as ações sugeridas por Jara, diante das tensões que compõe o cotidiano dos movimentos sociais. Em suma, esse artigo infere sobre a necessidade de combinar o aporte teórico com o trabalho de campo para sistematizar o processo de ocupação desse território.

## Abordagem teórica dos movimentos sociais

---

A combinação entre a abordagem teórica de análise e a metodologia participativa

tem sido uma ferramenta importante para a pesquisa de campo sobre a Vila Operária. Ainda que a prerrogativa da sistematização de experiências seja a construção de uma teoria a partir do trabalho de campo, para essa temática a abordagem teórica de análise é um importante eixo para dialogar com os resultados do trabalho de campo.

Há uma grande diversidade de pesquisadores de movimentos sociais na América Latina. Especialistas com uma intensa produção teórica sobre o tema, que têm se dedicado a analisar as particularidades das condições sociais, econômicas e culturais latino-americanas. Dentre eles, a socióloga Maria da Glória Gohn tem pesquisado os movimentos sociais brasileiros e em sua análise dividiu os movimentos sociais em três tipos predominantes:

- Movimentos Identitários – lutam por direitos sociais econômicos, políticos e culturais como os movimentos afrodescendentes, os movimentos de mulheres, indígenas, idosos e de pertencimento cultural e territorial;
- Movimentos de Luta por melhores condições de vida e trabalho;
- Movimentos Globais e Globalizantes – redes sociopolíticas e culturais, movimentos que se articulam em redes locais e internacionais.

Essa categorização é resultante da análise da produção científica sobre os movimentos sociais. Maria da Glória Gohn realizou uma exegese das teorias predominantes na academia e a partir dessa análise é possível localizar os mo-

dores da Vila Operária e sua organização em movimentos de luta por melhores condições de vida, pois sua demanda está direcionada à garantia do direito à moradia prescrito na Constituição Brasileira de 1988. Além das formas predominantes, Gohn destacou os eixos analíticos nas teorias predominantes sobre movimentos sociais: as teorias construídas a partir de eixos culturais relativos ao processo de construção de identidades; as teorias focadas no eixo de justiça social; e as teorias que destacaram a capacidade de resistência, de luta pela autonomia, formas de luta, entre outras. Além da categorização e dos eixos teóricos, Gohn realizou uma última análise, a da divisão entre movimentos em rede e mobilização social. Para a autora, a partir dos anos 90 há uma renovação nas categorias de análise devido aos processos de mundialização:

*As categorias de análise também se alteram no quadro das teorias dos movimentos sociais: redes sociais passam a ter, para vários pesquisadores, um papel até mais importante que movimento social. Mas eles as redefinem como redes de mobilização social. A questão da emancipação social persistiu restrita a alguns teóricos, não mais sob o crivo exclusivo da abordagem marxista. (GOHN, 2005, p. 445)*

O território passou a ser uma importante categoria para a pesquisa dos movimentos sociais, pois se articulou com os direitos humanos, as necessidades das classes trabalhadoras, os movimentos de pertencimento a uma localidade e os movimentos de luta de raízes étnicas. Na discussão sobre a categorização dos movimentos sociais como

“rede” ou “mobilização social”, Maria da Glória Gohn pesquisou uma diversidade de autores. Dentre eles, os que discutem o poder das TICs (Tecnologias da Informação) nos movimentos sociais, como Villasante (2002), Scherer-Warren (2007) e Manuel Castells (2008). Para a autora, essas matrizes teóricas enfatizaram as ideias de circulação, fluxo, troca de informações, colaboração, aprendizagem, ação direta, o que ela encara como uma “procura pelo ser moderno”, com as antigas teorias representando apenas o antigo, ou as abordagens marxistas e da teoria crítica precisando ser superadas. Nesse universo com uma diversidade de léxicos como movimentos sociais e associativismo civil, a categoria “mobilização social” também foi apresentada. Conforme Gohn (2008), “desde logo, afirmamos que, para nós, mobilização social é um processo político e cultural presente em todas as formas de organização das ações coletivas”. Mobilização social foi utilizada como categoria social nos dicionários de sociologia, como uso militar para defesa de um território, e como processo de ativação de pessoas por governantes ou líderes da sociedade civil nos dicionários de política (GOHN, 2008, p. 448). De maneira geral, para Gohn, a mobilização social compreende os movimentos sociais, que estão em busca de resolução de problemas cotidianos – uma ação coletiva que é construída com a convivência, a comunicação, a interação e a integração do grupo envolvido. Muitos desses movimentos sociais não possuem um projeto político a longo prazo, estão preocupados com a reforma das condições atuais. Maria da Glória Gohn apresentou uma série de categorizações que auxilia o pesquisador a compreender melhor a gênese

e a ação dos movimentos sociais latino-americanos. Desse modo, apresentou as ferramentas de análise dos movimentos sociais, que, combinadas com metodologias de pesquisa participativa, podem gerar resultados interessantes. A partir dessas categorizações de análise é possível iniciar o trabalho de campo com mais informações. Nesse caso, o movimento da Vila Operária pode ser analisado como um movimento de luta por melhores condições de vida (reformistas) na busca por justiça social sob a forma de mobilização social.

### **Metodologias participativas de pesquisa: sistematização de experiências**

---

A abordagem teórica dos movimentos sociais auxilia o pesquisador a compreender melhor o seu tema, o que, combinado à pesquisa de campo, poderá produzir trabalhos com informações mais completas sobre o assunto. Assim como sugere Maria da Glória Gohn, as teorias sobre movimentos sociais produzidas por pesquisadores latino-americanos apresentaram soluções para a compreensão da nossa realidade.

Oscar Jara Holiday, sociólogo peruano, é um dos pesquisadores da “sistematização de experiências”. Jara caracterizou a sistematização de experiências como uma teoria em construção. Em seu livro *A Sistematização de Experiências – Prática e Teoria para Outros Mundos Possíveis*, destacou o itinerário da construção da sistematização, inicialmente com o questionamento

das abordagens teóricas do Serviço Social e dos movimentos sociais que tinham matriz europeia e norte-americana.

Esse pensamento crítico ganhou impulso com o contexto histórico-social da época (anos 1960-1980). No Chile houve a vitória do governo Allende e da Unidade Popular, a luta dos partidos de esquerda em diversos países latino-americanos e a emergência de uma rica produção cultural e científica cujo foco era a realidade latino-americana. O trabalho de campo seria a fonte de teoria. As obras de Paulo Freire também foram um importante recurso, pois incitaram o pesquisador a produzir conhecimento com base na realidade. Para Jara a primeira afirmação da sistematização de experiências ocorreu no Brasil em 1972 no Seminário Latino-Americano de Serviço Social. Interessante notar que Jara criou uma gênese coletiva latino-americana (Brasil e países hispano-americanos) para a construção da metodologia. Inicialmente, a sistematização de experiências se voltou para os estudos da Educação Popular, e, posteriormente, para as pesquisas sociológicas da investigação-ação participativa. De maneira geral, de acordo com Jara, a sistematização de experiência é resultante das novas correntes do pensamento latino-americanas, das novas abordagens do serviço social, da teoria de Paulo Freire para a educação popular e de adultos, projetos de comunicação popular, Teatro do Oprimido, Teologia da Libertação, Teoria da Dependência e pesquisas sobre a investigação-ação participativa. Esse mosaico teve como eixo temporal as décadas de 1960-1980, com as ditaduras militares e a resistência ao seu pensamento conservador pela construção de novas abordagens com base no materialismo histórico-dialético marxiano.

## O que é a sistematização de experiências?

---

Para Oscar Jara Holiday, a sistematização de experiências é uma proposta metodológica em cinco tempos:

Trata-se de uma proposta em cinco tempos, que sugere um procedimento com uma ordem justificada, mas que não necessariamente deve seguir-se tal e qual, pois dependerá de muitos fatores que incidem na multiplicidade de experiências existentes. Esse instrumento deve ser usado como sugestão e inspiração, mesmo que por razões didáticas se apresente um pouco rígido. Por esse motivo esse capítulo se oferece um leque muito variado de possibilidades, para servirmos de referência ao definir o procedimento e os instrumentos próprios de cada sistematização. (JARA, 1996, p. 84.)

Jara apontou que a sistematização de experiências não é sistematização de informações. A proposta metodológica pode ser resumida nos seguintes passos: (1) o ponto de partida, que deve ser a ação que o pesquisador deseja analisar; (2) as perguntas iniciais sobre a ação; (3) a recuperação do processo vivido; (4) a reflexão de fundo; (5) o ponto de chegada. A sistematização de experiências permite que se construa um saber a partir da experiência estudada, em contextos que vão desde projetos de educação popular até movimentos sociais.

Essa teoria é resultante da reconstrução racional do processo vivido pelo pesquisador e pelos pesquisados. Há uma

valorização dos saberes de todas as pessoas envolvidas no processo, e a partir do material coletado e analisado se produz ciência a partir da prática:

Por ello, la interpretación no se puede reducir solo a la particularidade de lo que hicimos directamente sino que deberá relacionar nuestra práctica concreta con el contexto, los desafíos vigentes, las otras fuerzas em juego etc., para entoces pretender comprender mas profundamente los aspectos relevantes de nuestra experiencia. Es decir, por ejemplo, que desde una experiencia de trabajo en agricultura sostenible podríamos llegar a interpretar sus relaciones con los cambios en el mundo rural hoy. Las posibilidades son grandes y múltiples en este campo, vinculando práctica y la teoría. (JARA, 2001, p. 4)

## **A sistematização de experiências na prática: limites e possibilidades**

Conforme exposto na introdução deste artigo, a sistematização de experiências está sendo utilizada em uma pesquisa, visando a uma dissertação de mestrado sobre a história da ocupação da Vila Operária, em Guarulhos (SP). Seguindo as orientações das obras de Oscar Jara Holliday, o trabalho de pesquisa foi organizado conforme as publicações *A sistematização de Experiências, Prática e Teoria – Para Outros Mundos Possíveis e Para Sistematizar Experiências*.

De acordo com a proposta em cinco tempos, o ponto de partida da pesquisa

seria a ocupação do território do bairro da Vila Operária. Porém, para chegar à conclusão de que esse deveria ser o início da pesquisa de campo, foi necessária uma série de pesquisas de campo iniciais, incluindo o contato com o líder do MLM, Anselmo, um dos responsáveis pela organização dos moradores na resistência às reintegrações de posse. A partir de diversas visitas ao bairro, conversando com moradores como Luís Gregório, um dos primeiros posseiros de uma parte da área. A partir da escuta dessa história de ocupação foi possível verificar a necessidade de contar a história do bairro e realizar uma história do presente para poder entender as ações do movimento social.

Nesse momento, a segunda prerrogativa – ter participado da experiência – tornou-se um dos objetivos da pesquisa, com a participação em reuniões de discussão e o contato direto com os moradores. Jara entende que a “participação na experiência” deve acontecer em forma de trabalho coletivo, como ocorre em instituições educacionais ou populares. Oficinas e mesas de discussão junto aos participantes para que reflitam sobre as ações empreendidas pelo grupo. Porém, os encontros coletivos são muito difíceis nos movimentos sociais envolvidos em temas mais complexos que apresentam tensões com a polícia e sistema judiciário.

O registro da experiência é o processo de documentação dessa atividade realizada com o movimento social ou educadores. Pelo fato de a sistematização de experiências ter tido o seu início em projetos de educação popular e os processos de alfabetização, esse passo do processo seria registrado. No caso desta pesquisa, o

registro da experiência foi adaptado para registros visuais do território, entrevistas com os moradores, pesquisa de documentos com os próprios moradores, e toda e qualquer interação com a comunidade.

A partir da participação e do registro da experiência, Jara propôs a sistematização em si, que é compreendida como uma série de questionamentos a partir do trabalho. Primeiro, definir os objetivos da sistematização, a delimitação do objeto e a definição do eixo central da sistematização. No caso da pesquisa da Vila Operária, o objetivo da sistematização foi definido como a construção da história do presente do bairro. E a partir dela, extrair as problemáticas de justiça social na cidade de Guarulhos, como a regulamentação fundiária, a exclusão do direito de moradia à classe trabalhadora, a ação do capital no espaço, entre outras.

A segunda pergunta da sistematização refere-se ao desejo de sistematizar, ou por que queremos sistematizar a experiência. Ou seja, realizar as perguntas iniciais. Mais uma vez, conhecer a realidade desse bairro permite ter acesso às especificidades da ocupação do território pela classe trabalhadora na Região Metropolitana da Grande São Paulo (RMSP). E a partir disso, compreender as relações de produção nas cidades da RMSP, as estruturas econômicas e a percepção dos trabalhadores sobre sua própria condição. A terceira pergunta refere-se a quais experiências devemos sistematizar, ou seja,

[...] escolher a ou as experiências concretas a serem sistematizadas, claramente delimitadas em tempo e lugar. Os critérios para escolhê-las e delimitá-las

podem ser muito variados: depender do objetivo, da consistência das experiências, dos participantes no processo de sistematização, o tipo de contexto em que se deram, etc. (JARA, 1996, p. 95)

A terceira questão dos cinco pontos da sistematização se refere a quais aspectos da sistematização serão analisados. No caso desta pesquisa, serão analisadas as histórias da ocupação e o envolvimento da comunidade na luta pelo direito à moradia. A partir da análise dos diários de campo, entrevistas, documentos visuais, textuais, jurídicos, o processo será ordenado e reconstruído. Ou seja, a construção de uma história possível da Vila Operária.

A análise dos materiais é o quarto eixo da sistematização. O pesquisador deverá realizar a reflexão sobre a experiência, localizar as contradições, as tensões do processo entre pesquisador e comunidade, e formular perguntas sobre esse processo crítico. E se perguntar por que tal ação se realizou dessa forma. Nesse caso, a partir de entrevistas e contatos, e acompanhando a história da luta da Vila Operária, refletir se houve mudanças com a conjuntura política, avanços e recuos nos desejos dos moradores e formular possíveis respostas.

O quinto ponto é a formulação de conclusões. A partir da experiência prática com essa metodologia, só é possível formular inferências. Sendo assim, a sistematização de experiências é uma fonte de informação, que pode gerar uma teoria, que nasce na experiência e deve ser comunicada. O ponto principal é a comunicação da sistematização de experiências à comunidade envolvida:

Aqui, fazemos referência outra vez ao que dissemos no capítulo 3º que a dimensão comunicativa da sistematização é um aspecto substancial e não secundário ou optativo. Insistimos também, em que produzir esse material permitirá realizar uma nova “objetivação” do vivido, que nos enriquecerá ainda mais o processo de pensar e transformar nossa própria prática. (JARA, 1996, p. 110)

Apesar de a pesquisa ainda estar ocorrendo, algumas questões já podem ser averiguadas sobre os limites dessa metodologia. Conforme observado anteriormente, a sistematização de experiências teve sua gênese nas áreas de Serviço Social e Educação Popular, porém foi aplicada em uma diversidade de experiências coletivas populares

O contexto produzido pela Revolução Sandinista desempenhou um novo papel convocatório e dinamizador das perspectivas políticas e pedagógicas que animaram múltiplas práticas em todo o continente, e isto explica, em parte, o intenso intercâmbio, desenvolvimento e busca comum da segunda metade dos anos oitenta. (JARA, 2012, p. 56)

Dentre as experiências nomeadas por Jara estão as experiências com Direitos Humanos no Equador e Peru, com as Mães da Praça de Maio na Argentina, e os camponeses na Nicarágua. O cenário dos anos 1970 e 1980 foi fundamental para a disseminação dessa metodologia de pesquisa de experiências coletivas. As oficinas e mesas são ferramentas importantes para a realização da sistematização de experiências; contudo, no caso dos movimentos sociais

pós-década de 1990 no Brasil, algumas questões devem ser relativizadas. Como por exemplo, o risco de exposição dos participantes de movimentos de moradia, que são frequentemente alvo de ameaças das forças policiais, das instituições jurídicas estatais e das empresas ou organizações envolvidos na disputa fundiária.

## Considerações Finais

---

O processo de pesquisa é composto por uma série de momentos de tensão entre o pesquisador, sua pesquisa e a abordagem teórica. Processo dialético que questiona, gera crises e por fim transforma. As metodologias participativas têm sido uma importante ferramenta para a pesquisa na área de ciências sociais aplicadas, sobretudo se o pesquisador deseja realizar um trabalho conjunto com a comunidade analisada.

A sistematização de experiências é um exemplo de como os saberes da comunidade pesquisada podem auxiliar na construção de ciência, especialmente nos casos em que há especificidade de temas ligados a território, condutas coletivas e história de um movimento social localizado. Porém, como toda teoria, possui limitações. O uso de oficinas e mesas de discussão organizadas não é uma alternativa para os pesquisadores no início de sua pesquisa. É preciso apoio institucional e uma rede de contatos e, sobretudo, temas que apresentem menos tensões.

No caso dos movimentos sociais de moradia, pós década de 1990 ocorre uma

problemática maior. De acordo com Edson Miagusko, em sua obra *Movimentos de Moradia e Sem Teto em São Paulo – Experiências no Contexto de Desmanche*, houve na década de 1990 uma mudança no tratamento dos movimentos sociais brasileiros, a partir da criminalização da greve dos petroleiros em 1995.

Portanto, há uma novidade no tratamento dos movimentos sociais a partir dos anos 1990: a criminalização se dava na medida em que se recorria à defesa do estado de Direito democrático. O registro não era ideológico, mas da “verossimilhança”. O consenso se construía a partir do alargamento do campo de intervenção dos movimentos sociais na conformação de políticas de gestão e pela criminalização dos que procurassem operar por fora desse campo gravitacional. (MIAGUSKO, 2012, p. 23)

A implantação de políticas liberais na economia política brasileira acirrou o tratamento dado aos movimentos sociais de moradia, já que a luta desses movimentos sociais é pelo direito de propriedade, eixo medular da cultura burguesa. O historiador argentino José Luis Romero narrou, em *América Latina – As Cidades e as Ideias*, a construção das cidades latino-americanas como centros da economia liberal, construídas para as elites, mas com uma cultura social e política conservadora. O paradoxo dos movimentos de luta por moradia ou sem-teto é serem uma construção coletiva em busca de um direito relegado às camadas médias e altas. A cidade, para Romero, é um espaço em que os trabalhadores são condicionados à ideologia conservadora – projeto da colonização ibérica, espanhola e lusitana,

que se concretizou com sucesso. O caudilhismo é um fenômeno urbano, assim como a destruição da esfera pública e das possibilidades coletivas:

Mesmo depois de perceber a presença de uma nova massa, a velha ideologia persistiu na sociedade normalizada, dentro da qual se confrontavam sem excluir-se conformistas e inconformistas. Tradicional e forte, a ideologia conformista mantinha seu apoio a uma concepção liberal da sociedade, e propunha a cada um de seus membros o caminho da ascensão social via esforço, da capacidade e da competição. (ROMERO, 2004, p. 411)

É justamente por esse cenário belicoso, com a disputa pelo direito à propriedade, que realizar a sistematização de experiências torna-se um desafio. Os membros dos movimentos sociais sem-teto estão sempre sob ameaça judicial ou policial. Estão com medo das consequências de sua luta, diariamente ameaçados pelas ordens de reintegração de posse, pela perda de seus poucos pertences e de sua dignidade. Ameaçados por processos de formação de quadrilha, ainda que o território em disputa seja uma grilagem de uma empresa. Contudo, é comum a supremacia da lei do mais forte.

As entrevistas, as conversas, e as reuniões tomam o lugar das oficinas e mesas de discussão propostas por Jara. As discussões coletivas são restritas as conversas individuais, sempre temerosas de liberar informações que possam prejudicá-los. O cenário de desconfiança impera, pois o que está em jogo é a vida. Sendo assim, é preciso adaptações nos cin-

co pontos propostos por Oscar Jara Holli-day e uma ajuda dos estudiosos do tema. A metodologia de pesquisa participativa é uma boa alternativa para pesquisas que se preocupam em dar voz aos movimentos sociais, mas precisa estar combinada com abordagens teóricas de análise. O ponto da análise do material necessita do auxílio teórico de pesquisadores do tema. Neste caso, o auxílio teórico vem de Maria Glória Gohn, que estudou a fundo os movimentos sociais brasileiros.

Combinando a sistematização de experiências e a análise teórica dos movimentos sociais, a pesquisa pode ser muito produtiva, pois há uma retroalimentação da teoria com a prática, e a produção de uma teoria combinada. A socialização da pesquisa é fundamental para que os movimentos sociais possam conhecer a sua história sistematizada, criticá-la ou mesmo refutá-la:

A sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de sua ordenação e reconstrução, descobre ou explicita a lógica e o sentido do processo nelas vivido: os diversos fatores, que intervieram, como se relacionaram entre si e porque fizeram desse modo. (JARA, 2002, p. 84)

Apesar de a proposta apresentar uma perspectiva muito importante para construir uma ação transformadora, a adaptação a diferentes realidades é fundamental para o bom andamento da pesquisa. Sem quaisquer ilusões de construção de uma ciência individual, puramente racional e asséptica, o resultado da sistematização é apenas uma parte de um processo em construção. ■

#### [ MAÍRA CARVALHO DE MORAES ]

Formada em História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Especialista em Mídia, Informação e Cultura pela Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Pesquisadora de movimentos sociais de moradia, história do presente de territórios e história econômica brasileira.  
E-mail: mairacmoraes@gmail.com

## Referências

---

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, set./dez. 2008.

JARA, Oscar. **A sistematização de experiências**: prática e teoria para outros mundos possíveis. Tradução Luciana Grafée e Sílvia Pinevro. Colaboração Elza Maria Fonseca Falkembach. Brasília: CONTAG, 2012.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1996.

MIAGUSKO, Edson. **Movimentos de moradia e sem teto em São Paulo** – experiências no contexto do desmanche. São Paulo: Alameda, 2012.

ROMERO, José Luis. **América Latina: as cidades e as idéias**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.